

FICHA TÉCNICA

Título original: *Die Wahrheit und Andere Lügen*

Autor: *Sascha Arango*

Copyright © 2014 by C. Bertelsmann Verlag

Uma divisão de Verlagsgruppe Random House GmbH, München, Germany

www.randomhouse.de

Edição publicada por acordo com Ute Körner Literary Agent, S.L.U., Barcelona –

www.uklitag.com

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2015

Tradução: *António Sousa Ribeiro*

Imagem da capa: © Getty Images

Capa: Sofia Ramos/ Editorial Presença

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.ª edição, Lisboa, abril, 2015

Depósito legal n.º 389 344/15

Reservados todos os direitos
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 BARCARENA

info@presenca.pt

www.presenca.pt

*Talvez tudo o que é terrível seja, no fundo, algo
desamparado que de nós busca auxílio.*

R. M. RILKE

I

Pouca sorte. Uma breve olhadela à imagem chegava para dar forma ao vago pressentimento dos últimos meses. O embrião estava curvado como um batráquio, com um olho a fitá-lo diretamente. Aquilo ali era uma perna ou um tentáculo por cima da cauda de dragão?

Na vida há só poucos momentos de grande certeza. Mas, neste instante, Henry teve uma visão do futuro. Este batráquio iria crescer, tornar-se uma pessoa. Teria direitos, exigências, faria perguntas e, nalgum momento, viria a saber de tudo, para se tornar um ser humano.

Na ecografia, talvez do tamanho de um postal, podia ver-se à direita, junto ao embrião, uma escala de cinzentos, à esquerda, letras, no topo, a data, o nome da mãe e o nome da médica. Henry não tinha qualquer dúvida de que era autêntica.

Betty estava sentada a fumar a seu lado ao volante do carro e viu lágrimas nos olhos dele. Pôs a mão na sua face. Julgava que eram lágrimas de alegria. Mas ele pensava em Marta, a sua mulher. Porque é que ela não era capaz de ter um filho dele? Porque é que ele tinha de estar agora sentado com esta mulher no carro?

Teve desprezo por si próprio, sentiu vergonha, ficou sinceramente com pena. A vida dá-te tudo, essa era sempre a divisa de Henry, mas nunca te dá tudo de uma vez.

Era de tarde. Dos rochedos subia o rolar monótono da rebentação, o vento dobrava as ervas e fazia pressão contra os vidros laterais do *Subaru* verde. Bastava que Henry ligasse o motor, carregasse no acelerador, o carro lançar-se-ia rapidamente sobre as falésias e precipitar-se-ia lá bem no fundo na rebentação. Em cinco segundos, tudo teria

terminado, o impacto mataria os três. Para isso, teria, porém, de se levantar do lugar do passageiro para trocar com Betty. Era complicado de mais.

— Que dizes?

O que é que havia de dizer? As coisas já estavam suficientemente más, essa coisa no útero dela de certeza que já se mexia, e se Henry alguma coisa aprendera era a não revelar nada que fosse melhor deixar em silêncio.

Nos últimos anos, Betty só o tinha visto chorar uma vez, na ocasião em que o tinham feito doutor *honoris causa* no Smith College de Massachusetts. Até essa altura, ela pensava que Henry nunca chorava. Henry tinha estado sentado em silêncio na primeira fila a pensar na mulher.

Betty inclinou-se sobre a alavanca das velocidades e abraçou-o. Ficaram em silêncio a escutar o respirar um do outro; depois, Henry abriu a porta do seu lado e vomitou em cima da erva. Viu de novo a lasanha que tinha cozinhado para o almoço de Martha. Assemelhava-se a uma compota de embrião de pedaços de massa cor de carne. Ao ver isto, engasgou-se e começou a tossir violentamente.

Ela descalçou os sapatos, saltou para fora do carro, puxou Henry do assento, fechou ambos os braços em torno do seu tórax e apertou-os com força até lhe sair lasanha pelo nariz. Era fenomenal como Betty, sem pensar duas vezes, fazia o que havia a fazer. Assim, ficaram ambos de pé sobre a erva junto do *Subaru*, com o vento a fazer nevar flocos de espuma do mar.

— Diz lá. O que é que havemos de fazer?

A resposta certa teria sido: querida, isto não vai acabar bem. Uma resposta assim, porém, tem consequências. Muda as coisas ou fá-las desaparecer completamente. Depois disso, também já não vale a pena uma pessoa arrepende-se. E quem é que quer mudar alguma coisa que é bonita e confortável?

— Vou para casa e conto tudo à minha mulher.

— A sério?

Henry viu o espanto no rosto de Betty, ele próprio ficou surpreendido. Porque é que tinha dito aquilo? Henry não era inclinado a exageros, *contar tudo* não teria sido necessário.

— O que é que queres dizer com *tudo*?

— Tudo. Vou-lhe dizer tudo, muito simplesmente. Chega de mentiras.

— E se ela te perdoa?

— Como é que havia de perdoar?

— E a criança?

— Vai ser uma rapariga, espero.

Betty abraçou Henry e beijou-o na boca. — Henry, tu sabes ser grande.

Sim, ele sabia ser grande. Iria agora para casa e substituiria a mentira pela verdade. Finalmente, contar tudo, sem panos quentes, com todos os pormenores desagradáveis, bem, talvez não tudo, mas pelo menos o essencial. Para isso, tinha que cortar fundo no vivo, iam correr lágrimas, ia doer terrivelmente tudo aquilo, também a ele próprio. Ia ser o fim da confiança e da harmonia entre Martha e ele — mas ia ser também um ato de libertação. Deixaria de ser um canalha indigno e já não teria de se envergonhar tão terrivelmente. Tinha que ser. A verdade tinha precedência sobre a beleza, tudo o resto viria por si.

Abraçou a cintura delgada de Betty. Havia uma pedra na erva, suficientemente grande e pesada para desferir um golpe mortal. Bastava baixar-se para pegar nela.

— Anda, entra no carro.

Sentou-se ao volante, ligou o motor. Em vez de se lançar em frente sobre as falésias, engatou a marcha-atrás e fez o *Subaru* recuar devagar. Um grande erro, como veio a descobrir mais tarde.

* * *

O caminho estreito de placas de betão furadas contorcia-se quase invisível através de um denso bosque de pinheiros das falésias ao caminho florestal onde estava o carro dele, escondido por ramos pendentes até quase ao chão. Betty baixou o vidro, acendeu mais um cigarro de mentol, aspirou o fumo.

— Mas ela não vai fazer mal a si própria, pois não?

— Espero que não.

— Como é que ela vai reagir? Vais-lhe dizer que sou eu?

Que tu és o *quê?*, ia Henry para perguntar.

— Digo-lhe, se ela me perguntar — respondeu em vez disso.

É claro que Martha iria perguntar. Qualquer pessoa a quem dizem que foi metodicamente enganada quer saber porquê, por quanto tempo e com quem. Isso é normal. O engano é uma charada que queremos deslindar.

Betty pousou a mão com o cigarro aceso sobre a perna de Henry. — Querido, mas nós tivemos cuidado. Quero dizer, nenhum de nós queria um filho, pois não?

A concordância de Henry não podia ser maior e mais profundamente sentida. Não, ele não queria um filho e, em especial, não o queria de Betty. Ela era a sua amante, nunca seria uma boa mãe, não tinha de todo um coração de mãe, estava demasiado preocupada consigo própria para isso. Um filho dos dois ia dar-lhe poder sobre ele, ela ia obrigá-lo a despir o disfarce e havia de o pressionar até às últimas consequências. Já há muito lhe tinha passado pela cabeça deixar-se esterilizar, mas algo difícil de determinar tinha-o impedido de fazer isso. Talvez fosse o desejo de, apesar de tudo, ter um filho com Martha.

— Por alguma razão, ele quis ser gerado — disse ele.

Betty sorriu, com os lábios a tremer. Henry tinha encontrado o tom certo.

— Acho que vai ser uma rapariga.

Saíram do carro, trocaram outra vez de lugar. Betty sentou-se ao volante, tirou um sapato, pisou mecanicamente a embraiagem e pôs-se a mexer a alavanca de velocidades para lá e para cá.

Ele não está contente, pensou ela. Mas não era pedir um bocado de mais a um homem que acabara de decidir mudar de vida e terminar com o seu casamento? Apesar do caso que tinha com ele há anos, Betty sabia muito pouco sobre Henry, mas pelo menos isto sabia: Henry não era um homem de família.

Ela está ansiosa, pensou ele. *Está ansiosa por que eu desista de tudo por ela*. Mas ele não tinha intenção de trocar o seu isolamento sem preocupações por uma vida de família para que não era talhado. Depois da grande confissão à mulher, tinha de arranjar uma nova identidade. Ia dar muito trabalho conceber um outro Henry, um Henry só para Betty. Só de pensar nisso ficou cansado.

— Há alguma coisa que eu possa fazer?

Henry acenou que sim. — Deixa de fumar.

Betty deu uma passa no cigarro, atirou-o fora com um piparote.

— Vai ser terrível.

— Sim. Vai ser terrível. Eu telefono-te quando tudo estiver acabado.

Ela engrenou a mudança. — Em que ponto do romance é que estás?

— Já não falta muito.

Inclinou-se para ela pela porta aberta. — Falaste de nós a alguém?

— Absolutamente a ninguém — retorquiu ela.

— A criança é minha, não é? Quero dizer, ela existe mesmo, *vem* aí?

— Sim. É tua. Vem a caminho.

Ela estendeu-lhe os lábios ligeiramente abertos para um beijo. Relutantemente, ele inclinou-se para ela, a língua dela penetrou-lhe na boca como um parafuso grosso, sem rosca. Henry fechou a porta do lado do condutor do *Subaru*. Ela seguiu pelo caminho florestal abaixo na direção da estrada. Ele ficou a acompanhá-la com o olhar até desaparecer. Depois, apagou com o pé o cigarro meio fumado que ainda estava a arder em cima da erva. Acreditava nela. Betty não ia mentir-lhe, porque tinha demasiado pouca fantasia para isso. Era jovem e desportiva, muito mais elegante do que Martha, era bonita e não tão esperta, mas incrivelmente prática. E agora estava grávida dele, não valia a pena fazer um teste de paternidade.

O frio pragmatismo de Betty já impusera respeito a Henry na primeira vez que se tinham encontrado. O que lhe agradava, ela lançava-lhe a mão. Era espirituosa e tinha pés delgados, sardas nos seios de laranja, olhos verdes e cabelo encaracolado e louro. Da primeira vez que se encontraram, trazia um vestido estampado com imagens de espécies em risco de extinção.

O caso começara no momento do seu encontro. Henry não teve de se esforçar, não teve de se disfarçar, de lhe fazer a corte, não teve — como tantas vezes — de fazer absolutamente nada, uma vez que ela o considerava um génio. Por isso, também não a incomodou minimamente que ele fosse casado e não quisesse ter filhos. Pelo contrário. Era tudo uma questão de tempo. Tinha esperado muito tempo por alguém como ele, foi o que disse abertamente. Na opinião dela, faltava grandeza à maior parte dos homens. O que é que ela entendia por isso, não disse.

Entretanto, Betty tornara-se leitora-chefe na Editora Moreany. Tinha começado como ajudante de distribuição, embora se considerasse sobrequalificada, já que, nessa altura, concluíra já um curso de literatura. A maioria dos seminários tinha sido fastidiosa e ela estava arrependida de, ignorando o conselho dos pais, não ter ido para Direito. Apesar das suas qualificações, as possibilidades de promoção na editora eram limitadas. Nos intervalos para almoço, enfiava-se nos gabinetes dos leitores da editora para se entreter com algumas leituras. Um dia, tirou por puro tédio o texto datilografado de Henry da torre da má hora dos manuscritos não solicitados para ter alguma coisa que ler na cantina. Henry enviara o texto como livro sem uma nota a acompanhar, para poupar na franquia. Até essa altura, ele andara sempre com falta de dinheiro.

Betty leu umas trinta páginas, sem tocar na comida. Depois, precipitou-se para o terceiro andar para o gabinete do fundador da editora, Claus Moreany, e arrancou-o à sesta. Quatro horas mais tarde, Moreany telefonou em pessoa a Henry.

— Bom dia, o meu nome é Claus Moreany.

— A sério? Deus meu.

— Você escreveu uma coisa maravilhosa. Uma coisa verdadeiramente maravilhosa. Já vendeu os direitos?

Não tinha vendido. O primeiro romance, *Frank Ellis*, vendeu dez milhões de exemplares em todo o mundo. Um romance de *suspense*, como se costuma dizer, com muita violência e pouca coisa apaziguadora. Era a história de um autista que se torna polícia para encontrar o assassino da irmã. Os primeiros cem mil exemplares venderam-se em apenas um mês e de certeza que foram também lidos. Os lucros salvaram a Editora Moreany da falência. Hoje, oito anos depois, Henry era um autor de *bestsellers*, traduzido em todo o mundo em vinte línguas, detentor de vários prémios e vá lá o diabo saber que mais. Cinco romances de grande sucesso tinham sido entretanto publicados por Moreany, todos foram passados para o cinema, adaptados para o teatro, e *Frank Ellis* fazia já parte dos programas escolares. Quase já um clássico. E Henry continuava a ser casado com Martha.

Além de Henry, só Martha é que sabia que nem uma única palavra destes romances fora escrita por ele.

II

Henry tinha perguntado muitas vezes a si próprio como é que a sua vida teria decorrido se não tivesse conhecido Martha. A resposta que dava a si próprio era sempre a mesma: como até aqui. Ele não teria ficado famoso, não poderia, pois, levar uma vida de abastança e liberdade, de certeza que não conduziria carros de desporto italianos e ninguém conheceria o seu nome. Sobre isto, Henry não tinha dúvidas. Teria permanecido invisível — uma arte em si mesma. É claro que a luta pela existência é excitante, a escassez é que dá valor às coisas. O dinheiro perde significado quando existe em abundância. Tudo isso está certo. Mas o tédio e a indiferença não são um tributo aceitável para uma vida na abastança e no luxo e sempre melhores do que a fome, o sofrimento e dentes cariados? Não é preciso ficar famoso para se ser feliz, tanto mais que a popularidade é demasiadas vezes confundida com valor, mas desde que Henry saíra do escuro do geral para a luz do particular, vivia de modo incomparavelmente mais confortável. Desde há anos que, por conseguinte, já só se preocupava com a manutenção do *statu quo*. Para ele, nada mais havia para conseguir. Nisso permanecia realista. Mesmo se era fastidioso.

O manuscrito de *Frank Ellis* era uma descoberta sua. Estava embrulhado em papel pardo debaixo de uma cama estranha. Henry encontrou-o ao procurar, com uma dor de cabeça latejante, a sua peúga esquerda, para, como tantas vez já, se esgueirar de um quarto estranho. A mulher que estava deitada na cama ao lado dele nunca a tinha visto antes, e não sentia nenhum desejo de vir a conhecê-la. Via apenas o pé dela, a silhueta feminina do vale das coxas até ao cabelo fino castanho, e não demorou mais o olhar. O fogão de sala estava frio, o quarto, escuro, cheirava ali a pó e mau hálito. Era altura de desaparecer.

Henry sentia uma sede atroz, porque na noite anterior bebera uma quantidade especialmente grande de álcool. Fora a noite do seu trigésimo sexto aniversário. Ninguém lhe tinha dado os parabéns. Como é que haviam de dar, ninguém sabia. E quem é que havia de saber? Um viandante não trava amizades permanentes e os seus pais há muito que tinham morrido.

Ele não tinha casa, não tinha um salário regular e não fazia ideia do que é que havia de fazer da vida. E porque é que havia de fazer? O futuro é incerto, quem diz que o conhece é um mentiroso. O passado não é senão recordação e, assim, pura construção — só o presente é que é certo, dá espaço para que as coisas se desenvolvam e volta logo a desaparecer. Muito mais do que o incerto, o que atormentava Henry era a ideia do certo. Saber o que lhe estava reservado era igual ao pêndulo sobre o poço. O que é que havia de vir em grande a não ser arrependimento, morte e decadência? Em consonância com esta avaliação perfeitamente realista, Henry definia a sua vida como um processo global que só depois de ele morrer iria ser julgado por historiadores. E abençoado o que não deixa ficar nada, esse não tem de recear nenhuma sentença.

O silêncio é contra a natureza do ser humano. Era com esta frase que começava o manuscrito de Martha. A frase podia ser dele sem mais, achou Henry. Totalmente apropriada e tão simples. Leu a frase seguinte e continuou a ler, já não calçou a peúga esquerda, também não se esgueirou para fora da pequena habitação, também não pegou, como costumava, em dinheiro que estivesse por ali ou alguma coisa que pudesse ter serventia para comprar com isso alguma coisa que comer.

Desde o primeiro parágrafo que teve a impressão de que a história não diferia da sua. Leu todo o manuscrito de enfiada, virando as páginas tão silenciosamente quanto possível para não acordar a mulher desconhecida que dormia ao pé de si ressonando ao de leve. Nas páginas escritas em linhas cerradas, não se encontrava nenhuma correção, tanto quanto podia ver, também não havia gralhas nem nenhuma vírgula fora do sítio. De vez em quando, Henry parou de ler para observar de perto a mulher adormecida ao seu lado. Seria que já se tinham encontrado alguma vez? Será que lhe tinha falado de si e esquecido este encontro? Como é que ela se chamava? Tinha sequer dito o nome? Ela não tinha sido de muitas palavras. Era uma

mulher que não chamava a atenção, de membros delgados, com longos cílios que agora velavam os seus olhos fechados.

* * *

Quando Martha acordou ao começo da tarde, Henry tinha já acendido o fogão de sala, resolvido o enigma das torneiras que pingavam, fixado a cortina do duche, arrumado a cozinha e cozinhado ovos estrelados. Tinha oleado a pequena máquina de escrever que estava em cima da mesa da cozinha e endireitara à chama do gás uma haste que estava encravada. O manuscrito de Martha estava outra vez embrulhado debaixo da cama. Ela sentou-se à mesa e comeu os ovos estrelados com grande apetite.

Ele propôs uma vida em comum, ela não se pronunciou, o que ele tomou por um sim.

À tarde, comeram gelado e deambularam pelo jardim botânico, onde Henry contou mais um pouco da sua vida passada. Falou da sua infância, que terminara com o desaparecimento da mãe e a queda do pai pelas escadas abaixo. Não mencionou os anos em que vivera num esconderijo.

Martha não o interrompeu uma única vez e também não fez perguntas. Segurou-lhe com força o braço enquanto andavam pela estufa tropical e, a certa altura, encostou a cabeça ao ombro dele. Até esse dia, Henry nunca tinha contado a ninguém tantas coisas sobre si próprio e a maior parte do que contou era mesmo verdade. Não deixou de fora nada de essencial, não disfarçou nada e praticamente nada acrescentou de inventado. Foi uma tarde feliz no jardim botânico, a primeira de muitas tardes felizes com Martha.

Passaram também a noite seguinte na cama de Martha junto ao fogão de sala. Desta vez, ele foi meigo e sóbrio, cuidadoso, quase tímido. E ela esteve em total silêncio, com a respiração quente e rápida. E então, mais tarde, com ele a dormir a sono solto, Martha levantou-se e sentou-se à máquina de escrever na cozinha. Henry acordou com o matraquear das hastes. Regular, com intervalos curtos, ponto final. Depois, o tilintar da pequena campainha no final da linha. Ponto final, nova linha, ponto final, parágrafo. Um ranger estrídulo quando ela tirava da máquina a folha de papel escrita, um curto ranger repe-

tido quando metia a nova folha. *Então é assim que se faz literatura*, pensou ele. O matraquear continuou por toda a noite até de manhã.

A coisa seguinte foi Henry consertar a cama. Depois, arranjou uma base de borracha para a máquina de escrever, agenciou duas novas cadeiras de cozinha e fez um furo no contador para poupar nas despesas de aquecimento. Enquanto tratava disto tudo, pensava sobre como é que se podia arranjar uma casa sem capital próprio e em que medida ele tinha jeito para isso.

Ele arrumava tudo e limpava, Martha não comentava as suas atividades domésticas. Não comentava nada de nada. Henry admirava isso. Mas não tinha a sensação de que ela fosse indiferente ou desinteressada, não, ela estava simplesmente apenas satisfeita e não tinha nada a dizer a respeito dele. Era como se ela tivesse previsto tudo.

Henry reparou que Martha nunca lia as suas próprias histórias. Não falava disso, não tinha orgulho nisso. Quando uma estava terminada, começava a seguinte, como uma árvore que deixa cair as folhas no outono. Ao escrever a história anterior, de certeza que a seguinte já estava clara para ela, uma vez que não havia pausa criadora entre a última e a seguinte. Como é que ela fazia para viver, era coisa que, durante muito tempo, escapava a Henry. Tinha andado na universidade, mas não dizia em que curso. Tinha de ter algumas poupanças, mas raramente ia ao banco. Quando não havia nada para comer, não comia nada. De tarde, saía regularmente de casa para ir nadar na piscina municipal. Henry seguiu-a uma vez, ela ia de facto apenas nadar.

Na cave, Henry encontrou uma mala cheia de manuscritos deteriorados, escondidos à pressa como cadáveres de criança debaixo de excrementos de ratazanas e de água. As páginas tinham-se amalgamado numa massa, ainda se conseguia reconhecer palavras isoladas. Histórias perdidas. Também o manuscrito de *Frank Ellis* teria apodrecido ou, num dia frio, se teria convertido num calor momentâneo no fogão de sala se Henry não o tivesse escondido. O seu mérito era esse. Tinha salvado *Frank Ellis*, embora não o tivesse criado, como contou mais tarde à sua consciência. Sempre era alguma coisa.

— A literatura não me interessa — disse Martha sobre este tema —, só quero escrever. — Henry fixou a frase para mais tarde. Onde

é que Martha, no seu mundo de vivências herméticas, ia buscar ideias para a criação de figuras tão ilustres, era para ele incompreensível. Ela não tinha feito grandes viagens e, mesmo assim, conhecia o mundo inteiro. Ele cozinhava para ela, conversavam, ficavam em silêncio e dormiam juntos. De noite, ela levantava-se para escrever, ao início da tarde ele fazia comida e lia depois o que ela tinha escrito. Guardava todas as páginas que ela escrevia, ela nunca mais perguntava por elas. Assim, o amor deles cresceu numa evidência silenciosa. Alegravam-se com o que lhes era comum e aproveitavam-se um do outro. Henry tinha a impressão de que era impossível estarem mais satisfeitos. Só dependia dele não destruir esta harmonia.

Henry mandou o manuscrito de *Frank Ellis* com o seu nome a quatro editoras ao mesmo tempo, que tinha selecionado no diretório. Antes, teve de prometer com toda a solenidade a Martha que em nenhuma circunstância revelaria quem tinha escrito tudo. Devia ser um segredo para toda a vida e, se alguma coisa viesse a ser efetivamente publicada, seria *apenas* com o nome *dele*. Henry achou bem e prestou o juramento. Cumpriu a palavra dada à sua maneira.

* * *

Durante muito tempo, não chegou nenhuma resposta. Henry esqueceu-se de que tinha enviado o manuscrito e, se soubesse como são ínfimas as possibilidades de sucesso de um manuscrito não solicitado, não teria investido o dinheiro da franquia. Mas a verdade é que muitas vezes a ignorância revela-se uma verdadeira bênção.

Nesse intervalo de tempo, Henry trabalhava no mercado da fruta. Levantava-se às duas da manhã, voltava para casa por volta do meio-dia morto de cansaço e a cheirar a legumes para se pôr ao fogão a cozinhar alguma coisa para Martha.

Martha apresentou Henry aos pais. Tinha hesitado durante muito tempo. Henry percebeu porquê quando conheceu o pai dela. Na conversa de apresentação, o pai de Martha, um bombeiro que se reformara antecipadamente, passou o tempo todo a examinar Henry da sua poltrona forrada a veludo com uma hostilidade latente. O reumatismo estava-lhe a roer as articulações e tinha-lhe já devorado o polegar.

A mãe era caixa num supermercado, uma mulher alegre de sentimentos calorosos, uma mãe como se deseja.

Bebeu-se café com cardamomo na paisagem almofadada da sala de estar, conversou-se sobre ninharias, Henry viu numa gaiola na copa pássaros amarelos que estavam à espera da morte. O orgulho do pai era a sua coleção de capacetes de bombeiro históricos, que estava exposta numa vitrina iluminada do armário da parede. Explicou cada peça a Henry, segundo data, origem e função, com os olhos à procura de sinais de cansaço e desinteresse em Henry. Mas este suportou a operação com resistência estoica e foi mesmo fazendo perguntas interessadas.

Veio um inverno frio. Henry arranjou uma porta nova, dois fantásticos cobertores elétricos e calafetou as janelas. A porta tinha-a descoberto num contentor para madeira usada. Trepou debaixo de um nevão intenso ao contentor e recuperou a pesada porta, pô-la ao ombro e arrastou-a às costas para casa como uma formiga-cortadeira. Ainda aplainou um bocado aqui e ali, acrescentou um bocado em baixo e adaptou-a. Agora já não entrava a corrente de ar fria. Martha estava encantada. A habilidade manual de Henry sempre exercera uma atração erótica sobre as mulheres. Trabalho de artesão ou ocupações de horas livres expulsam os demónios do tédio e os maus pensamentos. A verdade é que ele gostava de arranjar coisas, não para impressionar, mas porque lhe dava gozo e porque não havia nada melhor para fazer.

Na primavera seguinte, Henry matou o sogro. Deu-lhe de presente um capacete histórico dos bombeiros vienenses, diga-se de passagem, o mais antigo corpo de bombeiros profissional do mundo. A alegria e a surpresa do velho colecionador foram de tal modo grandes que o seu aneurisma rebentou e ele caiu morto. Henry conseguira o tiranicídio perfeito, executado com profissionalismo sem saber e sem intenção. Consequentemente, também não ficou com remorsos, já que esse vaso sanguíneo pérfido no cérebro poderia igualmente ter rebentado ao cagar, foi o que Henry achou. Todos se alegraram e ninguém pensou nada de mal.

Os capacetes desapareceram todos com o bombeiro morto debaixo da terra. A mãe de Martha rejuvenesceu, deu de presente os pássaros amarelos e emigrou meio ano depois com um homem de negócios

americano para o Wisconsin, onde foi atingida por um raio. A partir desse momento, já só escrevia com a mão esquerda longas cartas sobre a sua nova vida na América.

Depois, veio o telefonema de Moreany. Henry foi de bicicleta à editora. Se tivesse adivinhado o rumo fatídico que tudo aquilo iria tomar, talvez não tivesse ido.

* * *

Betty estava à espera dele no vestíbulo. Subiram os dois no elevador até ao sexto andar. O perfume de lírio-do-vale dela enchia o elevador, ela viu que ele tinha mãos de trabalhador manual, ele descobriu um buraquinho no lóbulo dela e, no pescoço, a constelação da Ursa Maior desenhada por encantadoras sardas. Na viagem infelizmente demasiado curta para o andar superior, apercebeu-se de como ela lhe estava a sequenciar o ADN. Quando a porta do elevador se abriu, tudo o que havia de essencial entre eles estava esclarecido.

Moreany veio ao encontro dele torneando a secretária de editor e apertou-o com ambas as mãos, da maneira como se cumprimenta um amigo que há muito não se vê. A secretária estava carregada de livros e manuscritos. Em cima de tudo estava o manuscrito de *Frank Ellis*. Era mais ou menos assim que Henry imaginara que um editor seria.

Henry cumpriu a promessa que fizera a Martha e apresentou-se como autor. Como se revelou, era algo muito simples. Não precisou de dizer ou provar nada de especial, uma vez que, como se sabe, um autor não sabe fazer mais nada senão escrever, e escrever é uma coisa que qualquer um é capaz. Também não é preciso saber ou dominar nada de específico ou dizer nada a respeito de si próprio, além de um pouco de experiência de vida, não é preciso uma formação escolar digna desse nome, não se tem de exhibir nenhum diploma. Apenas se tem de apresentar o texto. A avaliação final fica para os críticos e os leitores, já que, quanto menos uma pessoa falar sobre a sua atividade, mais brilhante será a aura. A literatura não lhe interessava, explicou Henry, só queria era escrever. Isto ajustava-se na perfeição.

O romance vendeu-se fantasticamente. Quando chegou o primeiro dinheiro, Martha e ele mudaram-se para uma casa maior, quente, e casaram-se. Foi vindo cada vez mais dinheiro, aos montes. O dinheiro

não despertava em Martha nenhum impulso de compra ou de esbanjamento. Continuou a escrever, sem se deixar impressionar, enquanto Henry ia às compras. Ele comprou para si fatos caros, momentos preciosos com mulheres belas e um carro italiano. Moreany dava a Henry uma comissão sobre os lucros que agora se abateram sobre a casa Moreany como chuva. Henry sentia-se como um *gangster* que tivesse logrado cometer o crime perfeito, e viajou com Martha no *Maserati* pela Europa toda até Portugal. Ficavam em bons hotéis; quanto ao resto, pouco mudou. Martha continuou a escrever de noite, Henry jogava ténis e ocupava-se de tudo o resto. Ia às lojas, escrevia listas de compras e aprendeu a fazer comida asiática.

Todas as tardes lia as páginas novas. Ninguém além dele via uma única linha antes de o livro estar pronto. Não dizia nada a não ser se tinha ou não gostado. A maior parte das vezes, gostava. No final, levava o manuscrito pronto pessoalmente a Moreany. Betty e Moreany liam então em conjunto no gabinete forrado a madeira do editor, enquanto Henry ficava deitado no sofá na sala ao lado lendo *Isnogud, o Grão-Vizir*, diga-se de passagem, a melhor banda desenhada do mundo.

Durante horas, reinava um silêncio absoluto na editora até ambos terem terminado a leitura. A seguir, Moreany mandava chamar o chefe da distribuição. «Temos livro!», exclamava. Oito semanas depois, começava a campanha de imprensa. Só jornalistas escolhidos estavam autorizados a apreciar um exemplar de consulta no gabinete de Moreany. Tinham de assinar documentos obrigando-se a manter segredo, uma vez que o que se pretendia era que eles anunciassem o romance em grandes parangonas nos órgãos de informação mas, ao mesmo tempo, fizessem sofrer o público sonegando-lhe a informação.

Martha nunca acompanhava Henry a apresentações públicas. Quando ia a feiras do livro ou a sessões de leitura, era Betty quem ia com ele. Muitos julgavam-na a sua mulher, o que, apenas pelas aparências, era, na verdade, perfeitamente ajustado, já que eles pareciam um casal perfeito.

Henry era acolhido em toda a parte com aplausos, sorriam para ele, levavam-no daqui para ali e davam-lhe os parabéns. Ele não fazia uma cara particularmente feliz, já que o banho de multidão não lhe dava

prazer. Isto, por sua vez, reforçava o encanto geral com a sua modéstia, especialmente entre as mulheres. O retraimento tímido de Henry era pura precaução, já que nunca se esquecia de que não era um escritor, mas apenas um vigarista, uma rã no *habitat* da cobra.

Além disso, tinha dificuldade em reter todos os rostos simpáticos e nomes novos. Onde quer que parasse, geravam-se massas de gente. Piscavam máquinas fotográficas, olhares sugavam-no sem cessar, constantemente lhe mostravam alguma coisa que não lhe interessava ou lhe explicavam alguma coisa que não percebia bem. Dava breves entrevistas, mas recusava conversas sobre a sua maneira de trabalhar. O sentimento de irrealidade reforçava-se, a realidade esborratava-se como uma aguarela à chuva — primeiro nos contornos, depois no conjunto. Martha tinha-o avisado de que o êxito não era senão uma sombra que se desloca com a posição do Sol. Alguma vez, receava Henry, o Sol há de pôr-se e as pessoas vão chegar à conclusão de que eu não existo.

Era com os críticos que Henry aprendia como é que devia entender-se a sua obra. Que os romances eram bons, ele próprio sabia, no fim de contas, tinha-os descoberto. Mas *até que ponto* eram bons e exatamente porquê, isso é que o surpreendia. Tinha pena da quantidade de pobres artistas que só são descobertos depois de terem já esticado o pernil com edemas da fome. De bom grado teria lido a Martha algumas das críticas mais lisonjeiras, mas ela não queria saber disso. Estava já a escrever o romance seguinte. A fama não lhe dizia nada. Não lia nenhuma recensões, ele, pelo contrário, lia-as todas, sublinhava os passos mais lisonjeiros com a régua, recortava-as e colava-as num álbum. *Cada frase uma fortaleza*. Tinha especial predileção por esta frase. Vinha em letras gordas na badana e era da autoria de um certo Peffenkofer, que escrevia no suplemento literário de um grande jornal diário. Podia ter sido ele o autor, achava Henry, tão bela, curta e incisiva. Mas não tinha sido. Não era autor de nada.